

VIRGÍLIO TEIXEIRA / 1989

Realização e montagem: Eduardo Geada / Documentação e textos: José António Gonçalves / Direção de fotografia: Nuno Matos / Som: Luís Lança / Assistente: José Mário Aguiar / Inserção de caracteres: Evangelina Sirgado / Locução: Duarte Figueiroa / Com: Virgílio Teixeira.

Produção: RTP/Madeira (Portugal, 1989) / Série de televisão: “Retratos da Madeira” / Produção: António Jardim (Hoffman & Jardim) / Cópia: digital (RTP Arquivos, a partir de suporte em vídeo), cor, falada em português / Duração: 29 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

IMPOSSÍVEL EVASÃO / 1982

Um filme de Eduardo Geada

Realização: Eduardo Geada / Argumento: Eduardo Geada a partir do conto homónimo de Urbano Tavares Rodrigues / Sequência documental: Joaquim Vieira / Narração da sequência documental: Henrique Garcia, A. Mega Ferreira / Direção de fotografia: Manuel Costa e Silva / Som: Pedro Silva / Misturas: RTP / Eletricistas: Raúl Soares / Maquinista: José Gomes / Assistentes: Guilherme Ismael, Carlos Mota, Amílcar Carrajola / Montagem: Assis Gil, Ana Silva / Músicas: “Só Nós Dois” por Tony de Matos, “Quatro Palavras” por Francisco José, “Hully-Gully do Montanhês” por Conj. Ac. João Paulo, “Sol de Inverno”, por Simone de Oliveira / Intérpretes: Artur Semedo, Maria do Céu Guerra, Manuel Cavaco, Lucilina Sobreiro, Elisa de Guisette, Adelaide João, Vítor Ninéu, Joaquim Prada, César Monteiro, Delfina de Jesus, Mário Neves.

Produção: RTP Produções Externas (Portugal, 1982) / Série da RTP: “Lisboa Sociedade Anónima” / Produção: Artur Semedo / Laboratórios: RTP, Tobis Portuguesa / Cópia: Digital (RTP Arquivos, produzida a partir da digitalização dos materiais originais em 16mm), cor, falada em português / Duração: 65 minutos / Primeira exibição televisiva: 11 de outubro de 1983, RTP2 / Primeira apresentação na Cinemateca.

A relação de Eduardo Geada com a televisão é longa e remonta ao Verão de 1974 (quando iniciou a realização de LISBOA, O DIREITO À CIDADE no âmbito da série da RTP A GENTE QUE NÓS SOMOS). Traduziu-se numa grande variedade de formatos, como a série de doze episódios sobre os grandes mestres do desenho, conduzida por Lagoa Henriques (VER COM OLHOS DE VER – O RISCO INADIÁVEL), o concurso televisivo de perguntas e respostas sobre cinefilia apresentado por Rui Mendes, ÉCRAN MÁGICO, os magazines culturais A FORMA DAS COISAS e MAGAZINE DE CINEMA (este último que viria a transformar-se no icónico CINEMAGAZINE de Fernando Matos Silva), o piloto para a adaptação televisiva da popular série de livros infantojuvenis de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, UMA AVENTURA EM LISBOA, o belíssimo “telefilme” MARIANA ALCOFORADO, ou o muitíssimo ambicioso LISBOA SOCIEDADE ANÓNIMA (já lá irei). No entanto, já no final da década de 1980, Eduardo Geada aceita o convite da RTP Madeira para realizar uma série de seis episódios dedicada a várias personalidades importantes do arquipélago, genericamente intitulada RETRATOS DA MADEIRA. O genérico da série é, nesse sentido, bastante justo, já que remete diretamente para a tradição da fotografia vitoriana, com as suas enormes câmaras de grande formato onde a imagem se via invertida. Esta vontade de, simultaneamente, *retratar e inverter* está na génese desta encomenda que, apesar de todas as suas condicionantes, espelha bem aquela que é a visão dialética do realizador.

O episódio em causa, dedicado ao madeirense Virgílio Teixeira, é bastante elucidativo de tudo isso, não se tratasse de um retrato de um ator e, mais que isso, de um ator de cinema. O episódio arranca numa cabine de cinema onde se projeta, em 35mm (o filme é um dos primeiros trabalhos de Eduardo Geada em suporte vídeo), um dos primeiros filmes em que Teixeira entrou como ator, LADRÃO PRECISA-SE (1946), em particular uma cena sobre ser-se ator. Esta *mise en abîme* com o ator a fazer de ator e filme dentro do filme (dentro do filme – porque se ouve a voz de Eduardo Geada a gritar “ação”, e no último plano, sob o “corta” ver-se-á a equipa da rodagem) dá bem a ver aquilo que se trabalhará ao longo do episódio. Um labirinto de espelhos que procura revelar e mitificar a figura de Virgílio Teixeira. De facto, o percurso deste ator é inaudito no contexto do cinema português: galã de cinema (o amante de Amália em FADO, HISTÓRIA D’UMA CANTADEIRA), conseguiu na década de 1950 saltar a fronteira para Espanha e, a partir das coproduções norte-americanas, pôr o pé em Hollywood – mesmo que durante muito pouco tempo. A verdade é que mesmo tendo participado em quase uma centena de filmes, muitos dos papéis que desempenhou, nessas grandes produções rodadas em Espanha, eram papéis de figuração especial ou com duas ou três linhas de diálogo (ou

pouco mais que isso). De qualquer forma, surge em *THE FALL OF THE ROMAN EMPIRE* (A Queda do Império Romano, 1964), de Anthony Mann, *DOCTOR ZHIVAGO* (Doutor Jivago, 1965), de David Lean, sendo o seu momento de maior fama o papel de Luís Delgado na sequência *RETURN OF THE SEVEN* (O Regresso dos 7 Magníficos, 1966).

Eduardo Geda presta homenagem ao homem (o episódio é estruturado em torno de uma série de entrevistas em que Virgílio Teixeira tem espaço para contar/mitificar a sua história e expressar as suas ideias), mas igualmente ao ator que, segundo o próprio, não é muito competente do ponto de vista técnico e que aprendeu o seu ofício na prática. A graça do episódio está, justamente, no modo como aí se encena o quotidiano do ator (a improvável sequência no campo de futebol) e, em particular, como se encena o seu passado enquanto jovem mulherengo – “como todos nós, há dias em que o ator interpreta o seu próprio papel” (ouve-se na narração). A partir daí, do mergulho para a piscina (que é também, por isso, de natureza metafórica), o filme inicia uma inusitada ficção construída a partir da troca de olhares (feita através da montagem) entre o ator e uma jovem rapariga. Cena essa que irá rimar, já no final, com a dedicação de amor à sua atual esposa – quando ela o questiona se quereria voltar atrás, aos seus dias de juventude. Eduardo Geda faz do seu pequeno documentário um ensaio dessa possibilidade e, como tal, reveste tudo com o embaraçoso verniz da fantasia. Ou, se o quisermos dizer doutro modo, até num trabalho televisivo Geda é capaz de convocar os seus dilemas sobre o teatro social e a representação das identidades.

A personagem de Virgílio Teixeira corresponde, em grande medida, a uma certa tipologia de homens que reaparece em quase todos os filmes do realizador – o engatado chico-esperto. Jorge, de *SOFIA*, é-o em certa medida, o banqueiro de *A SANTA ALIANÇA* também, mas nenhum outro ator o interpretou de forma tão divertidamente autoconsciente como Artur Semedo, em particular em *IMPOSSÍVEL EVASÃO* e *PÔR DO SOL NO AREEIRO* (dois episódios da série *LISBOA SOCIEDADE ANÓNIMA* onde o ator dá corpo a duas personagens distintas, mas virtualmente idênticas, ambos vendedores de automóveis, ambos manipuladores confessos, ambos marialvas decadentes). Cada «episódio» de *LISBOA SOCIEDADE ANÓNIMA* corresponde a um filme com cerca de uma hora de duração, sempre introduzido por uma sequência documental de 20 minutos, onde imagens de arquivos são enleadas por uma narração onde se cruzam factos e comentários (narração escrita pelo jornalista da RTP Joaquim Vieira que tem o propósito de contextualizar histórica e socialmente a narrativa, mas também de dar a conhecer o olhar e a participação do escritor em causa). Isto porque cada «episódio» percorre o século XX, década a década, adaptando textos de autores portugueses originalmente escritos nessas mesmas décadas, ou que elas se referem. *IMPOSSÍVEL EVASÃO* parte da novela homónima de Urbano Tavares Rodrigues e, correspondendo ao quinto episódio (de seis), descreve já a década de 1960, com a formação da pequena burguesia sempre precária e a imposição da publicidade (os carros, as televisões, as fotografias de donas de casa com eletrodomésticos) como fator definidor da sociedade de consumo.

Retratando o dia a dia de Rosário (Maria do Céu Guerra), casada com um pequeno funcionário público (vivem num quarto alugado e estão sempre a contar os tostões), que encontra um amante (Artur Semedo) de uma outra classe social e com outras posses. Rosário vê nele a possibilidade de se evadir do quotidiano rançoso em que se viu enredada – sem se aperceber do «intervalo» que surge entre aquilo que é a imagem projetada e a identidade do seu amante. Tavares Rodrigues afirmou que «(...) se algum protesto (nesta história que eu quis quanto possível lisa e nua) de entre muitos outros protestos mais audivelmente se eleva, é o que visa os falsos pais, falsos maridos, falsos amantes, falsos mestres, falsos valentes.» E não há outro ator a trabalhar com tanta graça essa «falsidade» cruel como Artur Semedo. A sua presença é absolutamente contagiante: o seu riso, a contracena com Maria do Céu Guerra (interpretando uma mulher tímida, mas corajosa), o lado escorregadio, provocador e calculista fazem do papel de Horácio um dos melhores testemunhos do seu génio *performativo*. A juntar a isso, chamo apenas a atenção para a frustrada ida ao cinema para ver a reposição de *GONE WITH THE WIND* (que é já um prenúncio do fado de Rosário) em que as personagens se cruzam com um silencioso espectador: o próprio Eduardo Geda. São poucas os seus *cameos*, daí que seja de especial importância a sua «aparição» nessa sequência, como que sublinhando a intervenção do autor na tragédia da personagem.